

200 ANOS DA PRESENÇA MARISTA – UMA CAMINHADA NA CONSTRUÇÃO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS TRANSFORMADORAS PARA OS “MONTAGNES” DO BAIRRO MARIO QUINTANA

Cláudia Marise Garcia da Rocha¹ - CMIJB
Fernando Juarez Cardoso² - CMIJB
Jonathan Bitencourt Noal³ - CMIJB
Paola Cristina da Silva Tavares de Almeida⁴ - CMIJB
Roberto Carlos Walczak Mena Barreto⁵ - CMIJB

Eixo Temático: Ensino Médio.

Resumo

A educação como processo que não se esgota e que permeia quase que completamente o nosso globo terrestre necessita constantemente de pesquisas, portanto neste artigo temos como objetivo compreender o impacto social e a importância das práticas pedagógicas realizadas no Colégio Marista Irmão Jaime Biazus para a (re)significação dos conceitos de escola, aprendizagem e relações sociais para os estudantes e egressos da instituição. Para isto, propomos uma pesquisa qualitativa e bibliográfica na área da educação sob uma ótica de estudo de caso, também realizaram-se grupos focais com determinados grupos de jovens, como estudantes dos primeiros anos do Ensino Médio, estudantes do segundo ano do Ensino Médio, estudantes do terceiro ano do Ensino Médio e estudantes egressos. Desta forma, podemos perceber as diferentes visões que cada um dos nichos de estudantes possui sobre os conceitos abordados, as práticas pedagógicas que os marcaram, as suas percepções sobre a instituição e a importância da mesma como espaço acolhedor. Sendo assim, se evidencia a constante e dinâmica mudança que os agentes da educação, que vão além de professores e estudantes, mas toda comunidade escolar, estão expostos. A (des)construção dos significados deve ser um processo latente e constantemente (re)lembrado pelos agentes da educação Marista, tão como os ideais de Marcelino e os valores da instituição.

Palavras-chave: Ensino Médio. Escola. Aprendizado. Relações sociais. Marista.

¹Coordenadora Pedagógica e Especialista em Gestão da Educação em Diferentes Espaços Educativos pelo Centro Universitário Ritter dos Reis. E-mail: claudia.rocha@maristas.org.br.

²Professor de Literatura e Língua Portuguesa e Mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS. E-mail: fernando.cardoso@maristas.org.br.

³Professor de Geografia e Especialista em Ensino de Geografia e de História pela UFRGS. E-mail: jonathan.noal@maristas.org.br.

⁴Professora de Química e Especialista em Informática pela PUCRS. E-mail: paola.tavares@maristas.org.br.

⁵Professor de Matemática e Licenciado pela PUCRS. E-mail: roberto.barreto@maristas.org.br.

Introdução

Os Jovens Montagnes do bairro Mario Quintana

Uma educação social, nessa perspectiva, funda-se em princípios que veem a totalidade da pessoa humana, porquanto abrange as diferentes experiências de vida dos educandos, exigindo, em decorrência, conteúdos, métodos e instrumentos concernentes com aqueles princípios. (RIBEIRO, 2006, p. 162)

Em meados dos anos 90, a partir de uma reunião do Conselho Provincial Marista, foi assinada a ata de criação do Centro Social Marista – CESMAR, visando a formação de um centro social situado no bairro Rubem Berta, numa região que posteriormente, no ano de 1998, é renomeada e dá origem ao bairro Mario Quintana, composto por mais de dez vilas. O local onde se situa o CESMAR é um bairro periférico e historicamente constituído por pessoas socialmente excluídas, algumas pequenas áreas são formadas por conjuntos habitacionais construídos pelo DEMHAB⁶ em conjunto com os próprios moradores e a outra porção é formada por casas de famílias que foram realocadas da região central, reflexo da proposta de higienização urbana que surge ao longo da década de 80.

No ano de 1999, o centro foi inaugurado oficialmente, oportunizando a partir daí atendimento em diferentes áreas para crianças e adolescentes da região. A princípio foi construída a casa dos irmãos e sob a coordenação do Ir. Jaime Biazus iniciaram na garagem atividades como capoeira, dança, flauta e outros. A partir daí o centro desenvolveu-se, ouvindo as necessidades da comunidade através das suas lideranças e ampliando cada vez mais o atendimento. Em 2004 o Tele centro Timbaúva veio para dentro do CESMAR.

Assim, em alguns anos começou o CRC – Centro de Recondicionamento de Computadores, o que hoje chama-se de Polo Marista de Formação Tecnológica, no qual atende jovens ofertando cursos ligados à área de formação tecnológica.

O bairro onde se situa o centro é considerado um dos de menor índice de desenvolvimento humano, com uma população de baixíssima renda e muitos na faixa da miséria. Conforme o portal ObservaPOA⁷, o Mario Quintana é o bairro que tem a menor média de renda familiar da cidade. Analisando os dados divulgados pelo Mapa de Segurança

⁶ Departamento Municipal de Habitação de Porto Alegre.

⁷ Disponível em: <http://www.observapoa.com.br/> Acesso em: 15 ago. 2016.

Pública e Direitos Humanos de Porto Alegre⁸, podemos verificar os altos índices de violência, sendo um dos bairros com o maior número de homicídios da cidade.

Então, a comunidade começou a perceber a necessidade de ampliar o atendimento a este público de adolescentes no centro, criando um colégio de Ensino Médio, visto que no entorno há muitas escolas de Ensino Fundamental e para dar continuidade aos estudos deveriam se deslocar para lugares mais distantes.

Foi assim que surgiu o Colégio Marista Irmão Jaime Biazus (CMIJB), atendendo a partir de 2012 estudantes no Ensino Médio sob a direção do Ir. Odilmar Fachi e da vice-diretora Olga Chelkanoff. Já no primeiro ano foram 150 inscritos e atualmente o colégio atende 350 estudantes.

Com este feito, deu-se início ao trabalho de formação e conclusão de educação básica, através do curso de Ensino Médio. Analisando a situação destes jovens que aqui chegaram, podemos refletir acerca da dupla dimensão quando falamos em condição juvenil, já que:

refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. Na análise, permite-se levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve. (DAYRELL, 2007, p56)

A análise acerca da realidade dos estudantes que aqui chegaram a fim de estruturar a ação pedagógica considerou a trajetória de sua vida escolar, bem como em entrevista com os familiares, a visão de escola e significado da mesma para as suas vidas. Percebemos grande defasagem no campo do conhecimento no que se refere a conceitos básicos do Ensino Fundamental, visto que em suas escolas de origem tiveram períodos com falta de professores em diferentes componentes, por conta da precariedade vivida na escola pública em geral, além de muitos terem participado de projetos de aceleração por estarem fora da idade certa para o ano em curso.

Notamos, também, grande dificuldade em conciliar estudo e trabalho, pois muitos necessitam ajudar na complementação da renda familiar, tornando a construção do projeto em relação aos estudos mais precária de objetivo e foco, como se refere Juarez Dayrell (2007, p.

⁸ Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/mapa_da_seguranca.pdf

14) “um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca da gratificação imediata e um possível projeto de futuro.” Na visão das famílias, para a maioria, o estudo é um caminho para ter uma vida melhor. Muitas transferem para os filhos o anseio de se formar e ter um diploma, oportunidade que elas não tiveram em seu tempo de vida escolar. A ação pedagógica, intencionalmente pensada, planejada de forma a garantir o sucesso da aprendizagem, desde a dimensão das relações até a dimensão cognitiva.

Sob a apresentação do contexto que estamos inseridos, podemos colocar o Bairro Mario Quintana como uma grande e efervescente comunidade de Montagnes, que neste contexto não é apenas um jovem, mas sim, incontáveis jovens. Estes, notadamente, necessitam da intervenção constante de um trabalho pautado em valores solidários e fraternos. Não estamos no topo de uma montanha, mas estamos em um vale excluído e cheio de Montagnes a serem salvos.

Fourvière – conceitos como fundamentos da pesquisa e os valores assinados em fourvière

Uma instituição, ou até mesmo um trabalho, se apresentado como espaço-tempo educacional surge com a intencionalidade da construção teórica e valorativa daquilo que acreditam. Assim como Marcelino assinou os seus fundamentos e valores em Fourvière, se faz necessário nesta pesquisa o embasamento teórico fundamentado em autores que abrangem a educação social, com a premissa emancipatória.

Diante do contexto apresentado acima, há que se delinear algumas questões importantes relacionadas aos conceitos de escola, aprendizado e relações sociais. Tais conceitos mostram-se fundamentais nesse contexto para a construção do que aqui se entende como uma educação emancipatória, comprometida com os valores maristas:

A educação, de acordo com a visão de Marcelino Champagnat, é mais do que um processo de transmissão de informações: é um meio poderoso de formação e transformação das mentes e dos corações das crianças e dos jovens. Nessa perspectiva, a proposta educativa e a proposta de evangelização identificam-se, inter-relacionam-se, não são antagônicas. (UMBRASIL, 2010, p. 52)

Sendo assim, é necessário compreender a relação problemática existente no contexto de periferia, no qual se situa o presente estudo e, conseqüentemente, as noções precárias acerca de tais conceitos que acompanham os estudantes oriundos dessas regiões. Para muitos

desse, a escola é um local que pode proporcionar, através dos conhecimentos aprendidos, melhores oportunidades no mercado de trabalho ou a entrada no ensino superior (Pereira; Lopes, 2016, p. 203). Contudo, não raro é possível flagrar a frustração desses sujeitos para com a instituição escola, já que o ônus para se alcançar tais oportunidades é grande, principalmente para os jovens de baixa renda:

A questão central recai sobre os jovens oriundos de camadas sociais mais pobres, para os quais o ensino médio não faz parte de seu capital cultural e sua experiência familiar [...] para esses jovens, a realização dos objetivos modernos e democráticos da educação é limitada pelos empecilhos impostos por suas origens sociais, aliados às desigualdades de oportunidades. (PEREIRA; LOPES, 2016, p. 203)

Comparecer e manter-se frequente na escola não é algo fácil para esses sujeitos, seja pelos fatores externos como, por exemplo, ter de ajudar a família como força de trabalho desde a infância, seja pelos fatores internos, como, por exemplo, o fato de a escola não fazer sentido para o universo de valores deste. Sobre este último, não são poucos os pesquisadores que se dedicam a entender esse fenômeno, e que reconhecem a crise pela qual a escola passa nas últimas décadas, já que, de uma certa maneira, reflete uma crise de valores que atinge diversos estratos da sociedade ocidental organizada:

a crise profunda pela qual a escola passa hoje é, também, [...] reflexo de sua incapacidade pedagógica de formular currículos e métodos que incorporem o trabalho produtivo sem renunciar à dimensão desinteressada e universal da cultura clássica [...] é uma situação de contradição entre o que a sociedade espera da escola e o que a escola tem sido capaz de oferecer a esses jovens. (PEREIRA; LOPES, 2016, p. 203)

Portanto, na tentativa de atenuar esse *handicap* negativo, faz-se necessário ressignificar a noção de escola para esse jovem. Logo, oportunizar momentos e espaços de interação e expressão dos anseios e necessidades que acompanham esse estudante é fundamental para garantir uma significação positiva desse local e de sua função, que deve envolver a noção de um aprendizado contínuo e permanente, e que realmente tenha significado na vida deste:

Assim, não se trata mais de manter a escola como um local apenas do conhecimento, isto é, no domínio dos conteúdos, mas de idealizar e oferecer uma escola que valorizará formas de organização nas quais prevaleçam a integração social, a convivência entre diferentes, o compartilhamento de culturas, o encontro, a solidariedade entre as pessoas e sua formação, além de um ensino que possibilite a todos se apropriarem dos conhecimentos produzidos ao longo da história, de modo que cada indivíduo em particular possa objetivar-se enquanto um ser humano pleno, histórico e social (MOURA, 2013, p 34)

Sendo assim, há que se buscar uma educação pautada pelo social, visando garantir de todas as formas a inclusão e a permanência desse sujeito na escola, revertendo a paulatina exclusão deste, em um movimento que Ribeiro (2006, p. 4) qualifica como “exclusão da/na escola”⁹. Tal noção, segundo o autor, baseia-se em uma perspectiva marxista que verifica a necessidade de uma educação diferenciada, que vise incluir esses sujeitos no que toca as suas relações com a escola.

Conseqüentemente, trabalhar as relações sociais desse jovem oriundo de um contexto em que as tensões são acentuadas por diversos fatores redundantes da exclusão social é sobremaneira fundamental para promover melhores condições de sucesso deste no ambiente escolar. Para tanto, é preciso que a escola, como um organismo social, compreenda tais relações dentro do universo desse sujeito, e faça valer o seu papel dando a ele as ferramentas de que precisa para construir a sua autonomia até a vida adulta:

Dessa forma, considera-se o sujeito como um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e lhe atribui sentido, bem como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. O sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais em que se insere. (PEREIRA; LOPES, 2016, p. 203)

Sendo assim, é imperativo que a escola compreenda o estudante que ela recebe, e que promova, através de uma educação social e inclusiva, melhores oportunidades para esse sujeito que já chega ao ensino médio com um histórico de insucessos no âmbito escolar (Castro; Júnior, 2016). Logo, é necessário um esforço conjunto para que se trabalhe em prol de ressignificar tais noções, notadamente aquilo que se entende como sendo as noções de escola, aprendizado e as relações sociais dos educandos.

⁹ Segundo Ribeiro (2006, p. 4): “Ferraro (1999) constrói o conceito de *exclusão da escola* e de *exclusão na escola* para identificar fenômenos de não-acesso, evasão, reprovação e repetência de crianças das camadas populares.”

La Valla – desenvolvimento da obra Marista através da percepção dos nossos estudantes

A antiga casa que abrigou a fundação e os primeiros encontros dos Irmãos da Congregação de Maria também foi o espaço onde Marcelino passou a formar os primeiros jovens. A casa era dividida em três andares e cada um tinha sua representatividade. O andar mais alto era amplo, luminoso e aberto, um espaço para sentir-se liberto. Já no andar térreo ficava a mesa comunitária como símbolo da fraternidade, onde aconteciam as trocas, conversas e ideias. No andar inferior, no subsolo, temos o espaço mais reservado, simbolizando o espaço interior, o espaço da dimensão mística de nossas vidas.

Sob a ótica dos jovens Montagnes do Colégio Marista Irmão Jaime Biazus, queremos identificar como estes três andares de La Valla se comportam na percepção dos estudantes sobre alguns conceitos como escola, aprendizagem e relações sociais. De que forma o subsolo, representado pela espiritualidade e a evangelização ajudam nas relações sociais. Como o andar térreo caracterizado no espaço escolar pelos debates, pelo respeito as ideias de todos, pela pluralidade e pelas trocas influenciam na (des)construção do que é escola. E por fim, mas não menos importante, de que forma o andar superior, identificado nas práticas pedagógicas emancipadoras de uma educação libertária, reafirmam a importância da aprendizagem.

Para isto, o presente trabalho aborda uma pesquisa qualitativa na área de educação por meio de estudo de caso a partir de grupos focais, nos quais buscou-se realizar um levantamento acerca da percepção da comunidade escolar frente ao impacto social do colégio, identificando e descrevendo os aspectos vivenciados pelos estudantes de diferentes estágios de aprendizagem no CMIJB, categorizando esses aspectos nos contextos de visão de escola, aprendizagem e relações sociais. Para isso, organizaram-se quatro grupos, um deles constituídos por estudantes do primeiro ano, com seis participantes, incluindo uma estudante repetente; outro por estudantes do segundo ano, constituído por cinco estudantes; outro por estudantes do terceiro ano, constituído por quatro estudantes, e um último por três estudantes que já concluíram o ensino médio no colégio. Diante dos relatos coletados, parte-se então para uma análise geral do que se constituem as visões de escola, aprendizado e relações sociais para esses sujeitos, no contexto de trabalho já apresentado anteriormente.

No que diz respeito ao contexto de visão de escola, destaca-se uma mudança relatada pelos estudantes, que passam a ressignificar esse espaço quando estabelecem relações entre suas escolas anteriores e o CMIJB.

Um primeiro ponto a ser destacado é a constituição desse novo espaço escolar inserido em uma realidade presente no bairro e na vida de alguns estudantes. O colégio hoje ocupa o espaço físico que anteriormente era destinado as salas oficina do seguimento socioeducativo do CESMAR, que foram realocadas para outros espaços, diminuindo, na visão tanto dos educadores como dos educandos na época, a qualidade do atendimento das oficinas ministradas. E uma estudante da segunda série traz na sua fala essa marca, como uma mágoa pela perda de um espaço. Retoma que no princípio afirmava que não gostaria de estudar no colégio, mas que depois viu o quanto foi importante essa transição.

A maioria dos estudantes falam de uma vontade de estudar no CMIJB, fazem referência aos meios pelos quais conheceram a instituição, seja através da participação em outros seguimentos do CESMAR, ou através do carro de som ou ainda através das ações junto às escolas de Ensino Fundamental do bairro, projeto intitulado “#vemprojaim”¹⁰

Os estudantes iniciam a sua visão de escola a partir de um contraponto. Trazem suas escolas anteriores como espaços onde a única preocupação era passar de ano, fazem referência ao oferecimento de lanche e almoço, a falta de professores, poucas aulas e precariedade do espaço escolar.

Todos os estudantes destacam os aspectos físicos e estruturais do colégio. A presença de um lago, a possibilidade de deitar na grama no intervalo, a biblioteca sempre aberta se tornando um espaço de convivência. Mas nada se compara a fala referente às estruturas educacionais mais propriamente ditas, não que esses espaços não sejam também utilizados com essa finalidade. Eles destacam as cadeiras estofadas, a lousa digital, o ar condicionado, as classes sempre limpas, as portas dos banheiros, também sempre limpas, os computadores à disposição, *wifi* liberado, *login* próprio e o material didático de graça.

Quanto a estrutura didática dinâmica do espaço escolar destacam a organização da sala nos grupos áulicos, formação de turmas escolhidas pelos próprios estudantes, o momento de reflexão no refeitório, o momento cívico realizado uma vez por semana e organizado pelos próprios estudantes, as oportunidades de viagens, competições esportivas e cursos que o colégio possibilita, o fato de termos profissionais específicos nas áreas de comunicação, tecnologia da informação e bibliotecária para auxiliá-los.

¹⁰ O projeto visa a apresentação, aproximação e integração, das escolas de Ensino Fundamental da região com o Colégio Marista Ir. Jaime Biazus. Para isto são propostas atividades de convivência, como o projeto de grupo de estudos “#jaimensina” e também por meio de reuniões pedagógicas integradas com os corpos docentes das escolas da região.

Obviamente o que mais chama atenção nesse sentido foi a fala humanizada quanto ao jeito marista de educar. Os estudantes relatam o quanto gostam de vir para o colégio e não só para o colégio, como também para as aulas. E inclusive vem no turno inverso para aproveitar tudo o que a instituição oferece. Percebem que os professores ensinam por vocação.

Na visão dos estudantes, os professores do CMIJB os ensinam a pensar e ser críticos, e pensam na melhor forma de o estudante aprender, ensinando de uma forma diferenciada com aulas dinâmicas, não se utilizando apenas de aula expositivas e buscando cada vez mais a interação com os estudantes. Nesse sentido destaco a fala de uma estudante quando a mesma diz que seus professores fizeram com que ela aprendesse a não estudar para as provas e sim para a vida.

Eles destacam também a forma diferenciada das atividades que lhes são propostas, como por exemplo, aprender os conteúdos através de músicas, seja por uma canção já existente ou ainda pela elaboração de uma por parte deles; ou pela elaboração de vídeos, jogos, programas de rádio. Um estudante cunha essa forma diferenciada de “aprendizagem recreativa”, outra reflete que agora seus trabalhos escolares não são mais plágios de sites da Internet.

Em 2016, o colégio disponibilizou acesso à Internet para todos os estudantes por meio de *wifi*, e um deles apontou que isto seria uma escolha que dificultaria o trabalho realizado em sala de aula, pensamento este compartilhado por alguns dos professores. Entretanto, apesar de lidar com as concorrências das redes sociais, alguns estudantes, por intermédio de ações de seus professores, estão aprendendo a conciliar essas redes e seus processos de aprendizagem, de forma que conseguem refletir sobre a importância desse tipo de educação não-formal.

Em um dos grupos focais emergiu a questão de a média de aprovação do colégio ser 7,0, o que inicialmente, na visão de alguns deles, seria algo difícil de ser alcançado, e a bem da verdade é que para muitos estudantes esse é um fato verdadeiro, tendo em vista toda a defasagem de conteúdos que muitos apresentam frente à falta de professores e estruturas mínimas de suas escolas de origem. No entanto, uma estudante destacou que os professores que eles têm agora explicam os conteúdos de uma forma que os incentivam a estudar, e que as dinâmicas de sala de aula os auxiliaram a ter notas superiores ao tal 7,0.

O que se pode perceber na fala dos estudantes foi o quanto a presença, a proximidade e a possibilidade de interação com os professores os auxilia na compreensão, não apenas de conteúdos escolares, como também nos seus processos de formação de valores, ou seja, em uma formação integral, princípio presente no nosso Projeto Educativo do Brasil Marista: “A

educação integral requer ampla visão da pessoa e seu desenvolvimento, que aqui se traduz no processo formativo de subjetividades, nos modos de ser sujeito, em sua integralidade e inteireza (corpo, mente, coração e espírito)” (UMBRASIL, 2010, p.17).

Assim entramos no campo das relações estabelecidas dentro e fora do espaço escolar. Os estudantes trazem a facilidade na comunicação com professores e também com todos os funcionários de outros seguimentos da instituição. Desconstroem uma visão de falta de proximidade. Nas suas falas abordam a diferença do tipo de escuta e fala dos professores, apontando inclusive que estes demonstram seus sentimentos de forma positiva e humanizada. Relatam a liberdade que têm para fazer perguntas em aula, o que segundo eles facilita a aprendizagem, fazem referência às idades dos professores, tanto os mais jovens quanto os mais velhos, apontando aspectos positivos em ambos os casos.

Sob qualquer aspecto relacionado pelos estudantes, nenhum outro chamou mais atenção quanto o fato de eles relatarem a preocupação que os colaboradores (professores, coordenação, direção, equipe de serviços gerais e alimentação), num contexto geral, apresentam para com eles. Falam da preocupação que temos com o bem-estar e aprendizagem, quando os estimulamos a vir, a não desistir, quando agradecemos a sua presença e o carinho com o qual são tratados.

Todos os estudantes relatam sobre a prática do “bom dia” no espaço do CESMAR, sobre a proximidade que antes não tinham junto à Direção de suas escolas e fazem referência a possibilidade de tomar chimarrão com o diretor no início do turno. Relatam um clima diferente e acolhedor. Trazem na imagem da bibliotecária a proximidade que têm com todos os colaboradores a partir de dicas de leituras que a mesma lhes oferece condizentes com a sua realidade e abrindo possibilidades de novas leituras, de outras realidades.

O ponto forte de todos os grupos focais realizados foi a referência às palavras carinho e respeito, e o quão esses sentimentos permeiam todas as relações que são estabelecidas entre os diferentes espaços e sentimentos que os estudantes carregam. A ponto de redescobrir o significado de um trabalho em grupo e perceber o quanto essa prática afeta suas relações dentro e fora do espaço escolar.

Considerações Finais

Garantir uma educação inclusiva e emancipatória nunca passou perto de ser uma tarefa simples, ainda mais quando se trata de um contexto no qual nem mesmo os recursos básicos são acessíveis à maioria da população local. Assim, estabelece-se um horizonte que parece mais distante do que realmente é, e que é possível de ser entrevisto por ações que se

fundamentam em valores humanos e naquilo que entendemos como sendo a pedagogia da presença. Certo é que há muito ainda o que ser feito por estes sujeitos em situações desfavoráveis social e economicamente, como a relatada nesse trabalho. Dentro de um conjunto de ações específicas e pontuais, procurou-se abranger o maior número de estudantes que dia após dia passam por esta instituição, buscando um sentido para a palavra futuro. Logo, há que se buscar novos sentidos para os conceitos de escola, aprendizado e relações sociais, visando a promoção de um novo olhar para um local que deve se pautar pela acolhida e pela valorização deste sujeito que precisa se reconhecer ali.

É necessário reconhecer que, no contexto contemporâneo, se dá a emergência de um novo estudante, com novas necessidades, capacidades, racionalidades e desejos. As populações escolares, nos múltiplos cenários atuais, são compostas por uma diversidade de infâncias, adolescências, juventudes e modos de vida adulta. Isso implica compreendê-las como um fenômeno de impressionante complexidade constituído por novas e distintas categorias sociais, que sentem, pensam e significam o mundo de um jeito muito próprio. (UMBRASIL, 2010, p. 57)

Ao longo do trabalho desenvolvido desde a fundação do Colégio Marista Irmão Jaime Biazus, observamos uma mudança de perspectiva e uma ressignificação do conhecimento formal. Além disso, com relação aos conceitos expressos aqui – acerca da escola, aprendizado e relações sociais – e que consideramos fundamentais para a estruturação do trabalho pedagógico desenvolvido, entendemos que há uma gradual positivação dos mesmos por parte dos educandos que experienciam no âmbito do CESMAR.

Com relação ao conceito de escola, é notável que os estudantes passam a ver o local não mais como um espaço de confinamento, mas sim de acolhimento. Isso, pois, apesar de existir uma cobrança formal quanto a presença, notas, entre outros, há um ambiente que estruturalmente favorece a estada deles o maior tempo possível, seja pela motivação dada pela equipe a esses alunos, seja pelo desenvolvimento de atividades diferenciadas como o Clube de Leitura ou as equipes esportivas, por exemplo.

Quanto ao aprendizado, os estudantes passam a entender que não é somente aquilo que está exposto nos livros que faz parte da aprendizagem, mas também o conhecimento empírico do dia-a-dia, e que se constrói num conjunto de experiências que envolvem uma contínua reflexão a partir do vivenciado nos espaços da escola. Neste sentido, usamos a técnica de formação de grupos áulicos, visando desenvolver a postura de aprendizagem onde todos aprendem e todos ensinam. Ao professor cabe a função de apresentar os assuntos, motivando

e desafiando a turma a buscar mais informações. Aos estudantes, ficam legadas as iniciativas para buscar um aprendizado mais autônomo, visando construir o conhecimento de uma maneira mais próxima da realidade destes, para após formalizar-se esse aprendizado em situações de sala de aula.

Quanto as relações, podemos relatar que o respeito e a compreensão das necessidades e anseios dos jovens pautam a forma de relacionamento. A equipe docente é motivada a desenvolver um olhar cuidadoso e atencioso para abordar os jovens, revelando interesse por tudo o que eles nos trazem, desde problemas cotidianos que enfrentam, até as curiosidades e dúvidas que vão surgindo ao longo dos encontros diários. Tal forma de relacionamento é frequentemente destacada pelos estudantes, principalmente no que toca algum tipo de amparo emocional que venha a ser oferecido pela equipe toda do CMIJB.

Por fim, procuramos expor um recorte dessas práticas e que pudesse demonstrar, de forma breve, o processo de ressignificação pelo qual passam os sujeitos desse processo, ou seja, os estudantes, professores e demais funcionários da instituição. Ainda, avaliar a ressignificação, sob a ótica de um trabalho que se pauta pela pedagogia Marista, construída ao longo dos duzentos anos da instituição, é fundamental para que possamos entender de forma mais clara um processo em andamento e que não deve cessar, já que é a partir dessas iniciativas que poderemos ter alguma chance de reverter as desigualdades que passam os jovens Montagnes na realidade das periferias e, sobretudo, no contexto em que nossa escola está inserida.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Vanessa Gomes de.; JÚNIOR, Fernando Tavares. Jovens em Contextos Sociais Desfavoráveis e Sucesso Escolar no Ensino Médio. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 239-258, jan./mar., 2016.

DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes? Reflexões sobre a socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1111, out. 2007.

FERRARO, A.R. Diagnóstico da escolarização no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. , n. 12, p. 22-47, set./dez., 1999.

MOURA, Dante Henrique. Ensino Médio Integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720, 2013.

PEREIRA, Beatriz Prado; LOPES, Roseli Esquerdo. Por que ir à Escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 193-216, jan./mar. 2016.

RIBEIRO, Marlene. Exclusão e Educação Social: conceitos em superfície e fundo. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 155-178, jan./abr. 2006.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Matrizes Curriculares de Educação Básica**. União Marista do Brasil. Brasília: UMBRASIL, 2010.